



## O TEATRO E A DEMOCRACIA NA GRÉCIA DO SÉCULO V A.C.: UM GÊNERO ARTÍSTICO A SERVIÇO DA ARISTOCRAICA NO PERÍODO CLÁSSICO

**Paulo Rogério de Souza**\*

**Universidade Estadual de Maringá – UEM**

[paulo.de.souza@pop.com.br](mailto:paulo.de.souza@pop.com.br)

**Alessandro Santos da Rocha**\*\*

**Universidade Estadual de Maringá – UEM**

[alessandro.metep@gmail.com](mailto:alessandro.metep@gmail.com)

**RESUMO:** O processo de transição do *génos* arcaico para a pólis clássica provocou várias mudanças no cenário da sociedade grega. As transformações na forma de viver e de administrar a comunidade fez com que se abandonassem antigos preceitos religiosos que norteavam a vida do homem e se tomassem outros parâmetros para sua organização social. Foi nesse contexto que a tragédia grega surgiu, e devido a sua força educativa foi adotada pelos novos legisladores da cidade-Estado como um instrumento para ajudar a formar o cidadão que deveria viver e administrar a pólis. Dentre os poetas trágicos desse momento histórico, Sófocles se destacou por sua proposta pedagógica de formação do modelo de homem/cidadão apoiado no conceito de justa medida, à serviço da aristocracia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transformação social – Pólis – Sófocles – Teatro – Educação

**ABSTRACT:** The transitional process of the archaic *genos* to the classical polis caused several changes in the Greek society scene. The transformation in habits of living and managing the community made them renounce old religious precept that guided the man life to consider other parameters to the social organization. It was in that context the Greek tragedy appeared and due to its educational power it was adopted by new legislators of the City-state as an instrument to help developing the citizen who should live and manage the polis. Among the tragical poets of that historical moment, Sophocles was pointed by his pedagogical purpose about formation of the man/citizen model based on the concept on the perfect measure on aristocracy duty.

**KEYWORDS:** Social transformation – Polis – Sophocles – Theatre – Education

---

\* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Participa do Grupo de Estudo em Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade – GTSEAM.

\*\* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá e Professor Assistente (PFE/UEM). Pertence ao Departamento de Fundamentos da Educação (DFE).

Nos “tempos homéricos” que corresponderam aos séculos XII e IX a.C., assim denominados por se acreditar que foi nesse período que viveu o “suposto” autor dos poemas épicos **Ilíada** e **Odisséia**, o poeta Homero, predominava na Grécia uma concepção mítica para a explicação do mundo e da existência humana. O homem grego estava inserido num sistema social denominado *gênos*, regido pela família e pela crença numa religião doméstica. No *gênos* prevalecia a vida no campo e a coletividade da sociedade gentílica como princípio básico para a manutenção da comunidade.

Nos dois séculos que se seguiram (VIII e VII a.C.) essa antiga forma de condução do *gênos*, fundamentada na organização familiar e na religião mítica, já não respondia às necessidades da comunidade gentílica. O poder centrado nas mãos do chefe patriarcal não conseguia manter os seus integrantes submissos ao seu comando.

A antiga forma de subsistência que tinha suas bases na agricultura familiar já não dava sustentação a todas as exigências dessa velha estrutura social que se tornara ultrapassada. Isso fez com que se buscassem novas relações de trocas de produtos para subsistência com outras comunidades, em substituição às trocas simples entre os integrantes de um mesmo *gênos*, o que causou o surgimento do comércio e impulsionou as expansões ultramarinas: “A onda de colonização ultramarina dos séculos VIII e VI foi a expressão mais evidente deste desenvolvimento”.<sup>1</sup>

Nos séculos VI e V a.C, com a transição do *gênos*, que tinha como premissa a consciência mítica, para a pólis regida pela racionalidade, o grego se deparou com uma nova forma de estrutura social sem se desprender por completo da antiga ordem. A sua forma de viver, antes sustentada na organização familiar já desestruturada, fez com que procurasse outra forma de organizar-se socialmente. A cidade então surgiu como tentativa para se solucionar esses problemas enfrentados:

O aparecimento da pólis constitui na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará as suas conseqüências; a pólis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; pois a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> ANDERSON, Perry. A Grécia. In: PINSKY, Jaime. (Org.). **Modos de produção na Antigüidade**. São Paulo: Global, 1982, p. 170.

<sup>2</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 53.

Com o apogeu da pólis (Cidade-Estado), administrada pelos cidadãos e por códigos de “leis escritas” elaborados por eles, a sociedade grega passou por um processo de transformação social que causou mudanças na maneira de conduzir a forma de viver e de manter as novas relações.

O poder patriarcal perdeu sua influência na administração da comunidade. Os cidadãos passaram a não mais aceitar as antigas relações sociais norteadas pela tradição aristocrática e pelos costumes gentílicos. A crença na religião doméstica deixou de ocupar papel de condutora da vida do homem com seus cultos, ritos e celebrações.

O grego substituiu antigos costumes e tradições religiosas por códigos de leis que foram elaborados para se impor à ordem social e manter as relações políticas e comerciais que dariam a nova forma à cidade: a cidade-Estado democrática conduzida por cidadãos que faziam uso da reflexão filosófica e do discurso retórico na sua administração.

Mesmo não tendo sido repentina a transição do *gênos* para a pólis as mudanças foram traumáticas para o homem que passou por esse processo de transformações. O rompimento com o velho sistema não foi fácil para o grego, o que causou um estado de conflito nesse homem, pois dar lugar ao “novo” foi uma tarefa que provocou muitas contradições.

Essas contradições sociais existentes no período clássico só teriam condições de ser superadas pelas gerações que se seguiram, ou que pelo menos tentaram superá-las. Mesmo porque, ainda na pólis havia resquícios da velha comunidade aristocrática do *gênos*, tanto na forma de pensar, como de viver.

Como tentativa de superação, as características gentílicas foram sendo adaptadas à nova estrutura social da cidade-Estado. Isso pode ser visto na nova forma de condução da religião pelos cidadãos que, no período clássico, perdera a importância que lhe era atribuída no *gênos*.

Numa sociedade que tinha suas bases na reflexão filosófica e na discussão retórica da política, a religião ganhou novos contornos. Esses novos contornos possibilitaram que esta religião e o culto aos seus deuses fossem usados pelos legisladores e administradores da pólis mais como um recurso agregador com o objetivo de manter todos os cidadãos reunidos entorno de um culto comum da cidade: “[...] a

pólis, quando é constituída, confisca-o em seu proveito e os transforma em cultos oficiais da cidade”.<sup>3</sup>

Desta maneira, na cidade-Estado, a prática religiosa e o culto aos deuses passou a ter mais uma relevância política e cívica da relação entre os cidadãos, do que uma conotação de obrigação religiosa de dependência como havia sido até então no antigo sistema gentílico:

[...] as velhas divindades do Olimpo Homérico já tinham passado por uma outra, e decisiva transformação: tinham sido integradas ao horizonte da pólis, tornando-se representantes de uma religião cívica e politizada.<sup>4</sup>

As construções – estátuas, templos, altares – erguidas em homenagem aos deuses cultuados pelas cidades revelam a importância que os legisladores dispensavam a religião para manter essa atividade cívica da qual todo o cidadão deveria participar com seus concidadãos, envolvendo-se nas suas celebrações, cerimônias e festividades oficiais do pólis: “[...] ‘acreditar nos deuses’ significava em primeiro lugar não tanto um ato espiritual de fé ou respeito teológico, mas uma sensação imediata de se pertencer à comunidade política e equivale a ser-se cidadão”.<sup>5</sup>

Mas o cidadão da pólis grega já não era tão dependente das antigas tradições e dos costumes arcaicos. Mesmo porque as alterações na maneira de condução da sociedade foram influenciadas pela reflexão filosófica e pela discussão política, que acabaram por expor esse homem às novas formas de compreensão do seu papel na sociedade:

A filosofia vai encontrar-se, pois, ao nascer numa posição ambígua: em seus métodos, em sua inspiração, aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações domésticas e às controvérsias da *ágora*; flutuará entre o espírito de segredo próprio das seitas e a publicidade do debate contraditório que caracteriza a atividade pública.<sup>6</sup>

Esse processo de estruturação da cidade-Estado possibilitou ao grego romper com a velha comunidade gentílica. E para que esse homem pudesse enquadrar-se a nova forma de organização social os legisladores e administradores fizeram uso de vários

<sup>3</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 58

<sup>4</sup> VEGETTI, Mario. O homem e os deuses. In.: VERNANT, Jean-Pierre. (Org.). **O homem grego**. Lisboa: Presença, 1994, p. 242.

<sup>5</sup> Ibid., p. 252.

<sup>6</sup> VERNANT, 2002, op. cit., p. 64.

“instrumentos” que foram sendo elaborados com o desenvolvimento da pólis, como: os códigos de “leis escritas”, a incrementação do comércio, a instituição dos tribunais e das assembleias.

O governo das cidades-Estado ficou a cargo da nova aristocracia que ainda tinha traços da velha ordem gentílica, mas que vislumbrava uma nova forma de conduzir a vida em sociedade. Essa nova aristocracia despreendeu-se do passado estritamente conduzido pela religião com suas “leis divinas” usadas para organizar o *gênos*. Despreendeu-se também da crença num “destino” pré-determinado pelos deuses, para orientar-se por leis escritas elaboradas por seus representantes (pelos cidadãos que a compunham) e que mudou toda a maneira de viver desse povo.

Nesse processo de mudanças na forma de organização social e na maneira do grego refletir sobre a sua existência, deu-se o advento da filosofia, e com ela uma outra maneira de enxergar e de explicar a existência humana. Isso porque a religião e os seus deuses já não respondiam aos questionamentos desse homem político e não conseguiam dar apoio a esta sociedade agora legislada sob uma nova perspectiva de administração: a Democracia.

Neste contexto, o grego da pólis abandonara por completo a sua crença na *Teogonia* para explicar a sua origem, o que levou a rejeição da interferência divina na sua existência. Os filósofos deste período dedicaram-se a buscar fundamentações para justificar a origem das coisas, do mundo e do próprio homem. E o cidadão político buscou cada vez mais tomar o comando da sociedade em suas mãos.

Entre os “instrumentos” supracitados dos quais os legisladores e administradores da pólis fizeram uso na tentativa de amenizar as contradições na sociedade e para comandar a nova estrutura que se organizava baseada na “Democracia” estava o teatro e as suas encenações trágicas: “A tragédia é a criação de arte mais característica da democracia ateniense, e em nenhuma outra forma de arte se discernem, tão direto e tão claramente como nela, os conflitos internos de sua estrutura social”.<sup>7</sup>

Esse gênero literário exerceu nesse momento papel significativo, particularmente no processo formativo do cidadão, visto que seu conteúdo retratava os acontecimentos e problemas domésticos das famílias aristocráticas e as novas necessidades diante das suas implicações políticas que surgem:

---

<sup>7</sup> HAUSER, Arnald, **História da arte e da literatura**. São Paulo: Mestrejou, 1990, p. 124.

Os problemas domésticos das famílias reais têm obviamente uma relevância política. Por conseguinte, representar histórias heróicas tornou-se (entre outras coisas) um modo de refletir sobre as implicações políticas de ordem doméstica.<sup>8</sup>

A tragédia teve sua origem como expressão da velha aristocracia gentílica. Tinha como temática os mitos dos deuses e dos heróis da tradição arcaica. Também fazia parte de uma festividade religiosa característica da velha ordem do *gênos*. No entanto, no período clássico teatro passou a servir aos interesses dos que estavam no comando da nova forma de organização social da pólis grega:

[...] foi Pisístrato quem determinou que fossem encenadas em umas das festas mais populares, justamente as Grandes Dionísias Urbanas, em fins de março. Pisístrato com isso estava fazendo uso da religião contra a aristocracia, reorganizando as festas tradicionais dando patrocínio estatal ao culto mais popular do momento, o de Dioniso e de sua festa mais importante, as Dionísias Urbanas.<sup>9</sup>

Os legisladores e administradores não só oficializaram as “Dionisíacas” – uma festa popular em honra ao deus Dioniso na qual as peças eram encenadas – como um evento da cidade-Estado, mas também ajudavam na realização das suas encenações com patrocínios. E incumbiam aos cidadãos ricos de cobrir as despesas dos espetáculos e custear os atores: “Cidadãos ricos (um para cada poeta) a quem tal tarefa era incumbidos à título de imposto, eram designados para subvencionar os custos da contratação e do vestuário do coro e dos artistas...”<sup>10</sup>

As apresentações teatrais patrocinadas pela pólis nas festividades dionisíacas eram os eventos onde o homem grego do período clássico acabava por deparar-se com personagens e histórias míticas que procuravam representar o conflito provocado pelas mudanças na forma de viver de todo povo:

[...] embora trazendo à cena dados míticos tirados de Homero ou dos outros poetas posteriores a Homero, elas inseriam quase sempre nesses dados uma presença coletiva: cidadãos, guerreiros, símbolos de todo o grupo pelo qual os heróis são responsáveis e cuja desdita dá maior amplitude às deles.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> REDFIELD, James. O homem e a vida doméstica. In: VERNANT, Jean-Pierre. (Org.). **O homem grego**. Lisboa: Presença, 1994, p. 153.

<sup>9</sup> PIQUÉ, Jorge Ferro. A tragédia grega e seu contexto. **Letras**, Curitiba, UFPR, n. 49, p. 207, 1998.

<sup>10</sup> ROBERT, Fernand. **A literatura grega**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 27.

<sup>11</sup> ROMILLY, Jacqueline de. **Fundamentos de literatura grega**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1984, p. 74.

A tragédia expressava o conflito social em toda sua extensão: conflito gerado pela tentativa de se romper com o passado para buscar uma nova forma de organização da comunidade. Nesta perspectiva, verifica-se uma dupla ambientação da tragédia. Ao mesmo tempo em que eram encenadas nas grandes festas em honra ao deus Dioniso – uma festividade popular originariamente religiosa –, as tragédias também serviam aos setores dominantes da cidade como um artifício para manter a ordem social e para formar o cidadão da pólis de acordo com os interesses desse setor.

Esse gênero artístico teve relevante importância social, pois era nas apresentações trágicas, participando como espectador, que o cidadão da pólis acreditava demonstrar ainda mais o seu civismo. Era nas peças trágicas encenadas nos teatros que ele conseguia mostrar seu respeito à cidade da qual fazia parte como cidadão, marcando presença, juntamente com seus concidadão, numa festividade oficial da cidade-Estado.

Era no teatro que as emoções coletivas do povo acabam se manifestando: “[...] as tragédias refletem as ânsias da cidade-Estado”.<sup>12</sup> Todos se comoviam com o drama do herói, ao mesmo tempo em que aprendiam como devia ser o comportamento do cidadão na sociedade para não sofrer o mesmo castigo do herói, ou viesse causar a desordem na comunidade.

Assim, foi pela importância e influência da tragédia para o seu povo que este gênero artístico acabou por ser usado como instrumento de formação do grego no período clássico.

Muitos eram os poetas trágicos que figuraram na Grécia nesse momento. Dos poetas trágicos desse período, os quais se têm mais relatos atuais são Ésquilo, Sófocles e Eurípides, pois muito de suas peças foram conservadas, chegando integralmente ou em fragmentos até os dias atuais.

Dos poetas supracitados, Sófocles acabou por se distinguir dos demais por apresentar em suas peças uma forma mais didática da tragédia. Ele procurou mostrar, pelas suas personagens, um homem que deveria atender as necessidades da sua sociedade.

As peças sofoclianas eram caracteristicamente moralizantes e demonstravam uma preocupação com a formação do caráter humano. Nelas o autor procurava apontar a

---

<sup>12</sup> REDFIELD, James. O homem e a vida doméstica. In: VERNANT, Jean-Pierre. (Org.). **O homem grego**. Lisboa: Presença, 1994, p. 153.

necessidade de buscar as virtudes elevadas na tentativa de se manter a organização social e atingir um ordenamento mesmo numa sociedade em conflito.

O poeta apresentava também o “fim trágico” para aqueles que não evitavam os vícios e cometiam erros de conduta e comportamento, desarticulando a harmonia social da comunidade:

#### CORO

Mas o homem que nos atos e palavras  
se deixa dominar por vão orgulho  
sem rezear a obra da justiça  
e não cultua propriamente os deuses  
está fadado a doloso fim,  
vítima da arrogância criminosa  
que o induziu a desmedidos ganhos.<sup>13</sup>

Como membro dos setores dominantes da cidade-Estado: “Sófocles era um dos membros da nova classe dirigente que não tinha as mesmas tradições da nobreza, mas apenas as disponibilidades econômicas e o nível de educação...”,<sup>14</sup> formado pela nova aristocracia e pelos cidadãos que enriqueceram com o surgimento e desenvolvimento do comércio: “Ele nasceu em Colono, filho de família que enriqueceu com a fabricação de armas...”,<sup>15</sup> ocupou posições de prestígio na sociedade e exerceu cargos nos setores administrativos e legislativos da cidade de Atenas: “[...] ocupou, junto com Péricles, o cargo de estrategista, e sua participação na campanha de Samos, Sófocles fora tesoureiro dos fundos da liga depositados em Atenas...”.<sup>16</sup>

Os setores dominantes da pólis procuravam manter o seu poder sustentando com suas riquezas o governo democrático. Ao fazer parte destes setores, Sófocles não desvinculou a sua obra dos interesses dos homens que administravam e legislavam Atenas. Suas peças serviam como um instrumento que contribuía para educação e formação do homem, devido à influência sugestiva e emocional que as tragédias exerciam no cidadão espectador:

Na tragédia o elemento dramático mantinha-se sempre, certamente, subordinado ao elemento lírico e didático; e o poder de o coro ter sobrevivido demonstra que a tragédia não se preocupava

---

<sup>13</sup> SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 63. vv. 1051-1057.

<sup>14</sup> LEVI, Mario Atílio. **Péricles: um homem, um regime, uma cultura**. Tradução de Antonio Agenor Buquet de Lemos. Brasília: UnB, 1991, p. 241.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 240.

<sup>16</sup> *Ibid.*



exclusivamente com a produção do efeito dramático, mas se propunha atingir outros fins além da mera distração.<sup>17</sup>

A dor do herói sofocliano, provocada por seus desvios de conduta ou pelos conflitos sociais, eram a expressão do homem que vivia numa sociedade que passava por mudanças. As peças de Sófocles procuravam mostravam ao espectador como este indivíduo deveria se comportar social e moralmente para que pudesse viver segundo o novo ordenamento da pólis, e pudesse superar esses conflitos que provocava sua dor.

Isso pode ser evidenciado na personagem sofocliana de Édipo. Foi através da representação do rei de Tebas que o tragediógrafo procurou mostrar como deveriam ser as ações de um bom cidadão. Estas deveriam ser semelhantes às ações do herói tebano, que não vai em busca de glória, ou de satisfações pessoais, mas sim procura dedicar-se às soluções dos problemas da sua sociedade em busca do bem comum: “Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre/ de um homem é ser útil aos seus semelhantes/ até o limite máximo de suas forças”.<sup>18</sup>

Édipo, mesmo sendo o soberano da cidade de Tebas, não impõe o seu poder sobre os integrantes da sua comunidade para que estes sirvam aos seus interesses e vontades particulares. Mas ele sim sai do seu trono e vai ao socorro do seu povo quando o sofrimento e a dor provocados pela “peste” imposta pelos deuses dominam toda a cidade e destroem a ordem social.

Édipo pôs sempre esta ação refletida a serviço da comunidade. E esse é um aspecto essencial de perfeição do homem. Édipo tem uma vocação de cidadão e de chefe. Não a realiza como um “tirano” [...], mas em lúcida submissão ao bem da comunidade. [...] Édipo está pronto, a todo momento, a dedicar-se inteiramente à cidade.<sup>19</sup>

Na tentativa de libertar seu povo da desolação e da destruição o rei tebano vai em busca da solução: descobrir o verdadeiro assassino de “Laio”, antigo rei de Tebas. Édipo é obstinado na missão e à assume sem impor-lhe limites. Mesmo que a resposta que possa encontrar custe a própria vida, ele não recua diante da verdade:

#### ÉDIPO

Pois bem; eu mesmo, remontando à sua origem  
hei de torna-los evidentes sem demora.  
[...]

<sup>17</sup> HAUSER, Arnald. **História da arte e da literatura**. São Paulo: Mestrejou, 1990, p. 126.

<sup>18</sup> SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 34. vv. 374-376.

<sup>19</sup> BONNARD, André. **A civilização grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 287.

Verás que vou juntar-me a ti e secundar-te  
no esforço para redimir nossa cidade.  
E não apagarei a mácula por outrem  
mas por me mim mesmo.  
[...]  
e dedicar-me-ei de todo o meu intento.<sup>20</sup>

O Édipo de Sófocles é a expressão do homem que procura superar os seus problemas com nobreza e sabedoria: “A tragédia de Édipo é a tragédia do homem. Não a de um homem particular, com seu caráter distinto e seus debates interiores próprios. [...] é a tragédia do homem na plena posse de todo o poder humano...”.<sup>21</sup>

Na peça **Édipo Rei** Sófocles mostra o herói na sua plena juventude. O jovem Édipo é um homem obstinado, cheio de vigor, que procura fugir aos desígnios divinos e quer conquistar o seu lugar na comunidade pela sua sabedoria e sua coragem: “[...] pois cheguei, sem nada conhecer, eu Édipo/ e impus silêncio à esfinge; veio a solução/ de minha mente e não das aves agoureiras...”.<sup>22</sup>

O jovem Édipo é o modelo de homem cheio de virtudes, mas que ainda não atingiu a maturidade do cidadão da pólis democrática, pois sofre as contradições existentes no processo de transição, e que precisavam ser superadas, na sua sociedade ainda em transformação: “Adeja ao meu espírito indeciso/ perplexo entre o presente e o passado”.<sup>23</sup>

A representação do conflito vivido por Édipo atinge seu ponto máximo no momento da queda do herói que se dá num segundo plano, quando este comete um desvio de conduta, o que causa a desestruturação da sociedade, devendo o mesmo pagar por seu erro:

#### ÉDIPO

Só me resta pedir-vos: levai-me  
para longe daqui sem demora.  
Eu vos peço: levai, meus amigos,  
o maldito, motivo do horror,  
odiado por deuses e homens.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 27-28. vv. 162-163/166-169/178.

<sup>21</sup> BONNARD, André. **A civilização grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 287.

<sup>22</sup> SÓFOCLES, 1990, op. cit. p. 39. vv. 476-479.

<sup>23</sup> Ibid., p. 43. vv. 584/585.

<sup>24</sup> Ibid., p. 88. vv. 1588-1992.

Esse efeito trágico da queda e sofrimento do herói servia por provocar no espectador uma reflexão sobre qual deveria ser a conduta do cidadão na sociedade para que não viesse a sofrer as penalidades que a cidade impunha com suas leis.

Mas, mesmo diante de todo o conflito pessoal e da trajetória trágica enfrentada pela personagem de Édipo na peça **Édipo Rei**, Sófocles não deixou o seu modelo de homem terminar como um herói vencido pela dor e pelo sofrimento, martirizado pelos desígnios dos deuses e pelo Destino pré-determinado.

O herói sofrido representa o homem diante das suas limitações. O homem da cidade-Estado que precisa alcançar o princípio filosófico do “conhece-te a ti mesmo”, para só então ir em busca da suas verdadeiras virtudes, libertando-se dos preceitos da antiga religião e da imposição de um Destino do qual até então não se podia fugir.

Ao mostrar o velho Édipo na peça que tem como continuidade ao mito que compõe a história da família do rei tebano – **Édipo em Colono** –, o poeta não procurou apresentar um herói decadente, fragilizado pela cegueira e castigado por seu desvio de conduta. Mesmo não tendo mais a força e a visão da juventude, o velho Édipo busca na sabedoria, na paciência a compensação do que lhe falta para superar seus limites e para que possa enxergar para além dos seus conflitos:

#### ÉDIPO

Filha do velho cego, a que lugar chegamos,  
Antígona? A que cidade? De que povo  
é esta terra? Quem irá oferecer  
a Édipo sem rumo uma mísera esmola?  
Peço tão pouco e me dão menos que esse pouco.  
e isso basta-me; de fato, os sofrimentos  
a longa convivência e meus altivo espírito  
me ensinam a ser paciente...<sup>25</sup>

O herói de Sófocles, depois de assumir toda a responsabilidade pelo seu desvio de conduta mesmo que involuntário, cumpre sua promessa de libertar a cidade do causador da desordem social, e provoca o seu auto-exílio. Somente com esse ato é que Tebas conseguiria reaver a harmonia e a reestruturação da sua comunidade: “Lança-me fora desta terra bem depressa/ em um lugar onde jamais me seja dado/ falar com humano algum ou ser ouvido”.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> SÓFOCLES. **Édipo em Colono** Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 103. vv. 1-8.

<sup>26</sup> Ibid., p. 92. vv. 1701-1703.

O ato de Édipo mostra a virtude do cidadão que está disposta a servir a toda a comunidade, mesmo que para isso tenha que deixar de lado seus interesses particulares. Por isso ele passa a ser a personificação do homem “não como ele é, mas sim como ele deveria ser”, segundo Aristóteles na sua **Poética**.

É por isso que o velho Édipo é um exemplo de como o cidadão da pólis deveria ser. Seu comportamento moderado diante da dor e o seu autocontrole na busca por justiça e liberdade de escolher o seu futuro são as tônicas do novo herói na “nova” realidade social: “[...] os sofrimento/ a longa convivência e meu altivo espírito/ me ensinam a ser paciente...”<sup>27</sup>

A moderação e esse autocontrole que a personagem demonstra, mesmo diante de toda a dor de ter sido mutilado e exilado, representam uma forma “ideal” de como se poderia propiciar a manutenção da ordem social – caso isso fosse possível numa sociedade em conflito como a comunidade grega no período clássico.

Essas virtudes que, ao serem aplicadas, levariam a cidade a manter o equilíbrio e o ordenamento é que deveriam fazer parte da vida do cidadão “idealizado” da pólis democrática, principalmente para aqueles que estivessem no comando da cidade, ou das estruturas administrativas e/o legislativas desta:

O bom governo, ou a soberania, quando bem exercido em uma cidade, pólis, implica em falar e escutar, em decidir e obedecer, em ensinar e aprender. O bom governo implica não apenas no exercício do comando legal e guerreiro; implica também em ouscular aqueles que se subordinam às leis da cidade e que deste modo, mereçam ser denominados cidadãos.<sup>28</sup>

Por ter como tema de discussão em suas peças o período de transição, Sófocles utiliza-se constantemente em sua obra a proposta de moderação e de autocontrole como característica necessária para o cidadão ou o governante da pólis. Não é apenas nas peças **Édipo Rei** e **Édipo em Colono** que o poeta apresenta personagens que passam por esse processo conflituoso de transição. Isso pode ser percebido também na peça **Antígona**.

Nesta peça o tragediógrafo apresenta o embate entre duas de suas personagens: a princesa Antígona, filha de Édipo, e seu tio Creonte, governante de Tebas. A luta

---

<sup>27</sup> SÓFOCLES. **Édipo em Colono** Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 103. vv. 6-8.

<sup>28</sup> NALLI, Marcos Alexandre Gomes. **A tragédia com arte política: Antígona e Sófocles**: Londrina: Boletim/Centro de Letras; Ciências Humanas da Universidade de Londrina, 1980, p. 28. v. 1.

dessas personagens em defesa de crenças e ideais diferentes – Antígona defende as “leis divinas” da antiga aristocracia gentílica, enquanto Creonte é um servidor das leis do pólis – representam esse processo de transformação pelo qual a sociedade grega estava passando.

A posição antagônica das personagens Antígona e Creonte na peça sofocliana procura mostrar o conflito da transição e a dor que as mudanças na sociedade provocam no homem. Dor esta que é agravada pela falta de moderação no comportamento do homem que se deixa dominar por paixões e instintos violentos, ou por seus interesses particulares e ambições pessoais.

A tragédia de Antígona procura despertar no espectador, ao mostrar o fim trágico de heroína morta e o sofrimento de Creonte diante do filho e da mulher também mortos, a necessidade da moderação nas ações humanas na tentativa de se evitar a violência, a desorganização e a desestruturação de uma sociedade que está passando por conflitos: “Ceder é duro, mas só por intransigência/ deixar que a cólera me arruíne, é também duro”.<sup>29</sup>

O sofrimento de Creonte é provocado pelo ato de irracionalidade diante das mudanças na sociedade. A dor causada por essas mudanças exige do governante uma nova tomada de consciência para que assim possa restaurar a ordem social :

CREONTE

Erros cruéis de uma alma desalmada!  
Vede, Mortais, o matador e o morto,  
do mesmo sangue! Ai! Infeliz de mim  
por minhas decisões irrefletidas!  
Ah! Filho meu! Levou-te, inda imaturo,  
tão prematura morte – ai! Ai de mim! –  
Por minhas irreflexões, não pela tua!<sup>30</sup>

No entanto, nas suas peças, Sófocles não mostrou apenas o homem como um ser sofredor por passar por um processo de conflito. O autor revela que a dor é constituinte básica da sua natureza. Só pela superação da dor é que se encontraria o equilíbrio necessário para superar o seu conflito e se libertaria das culpas da natureza humana.

---

<sup>29</sup> SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 241. vv. 1217-1218.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 147-148. vv. 1404-1410.

Era pelo sofrimento das suas personagens encenadas nas tragédias que o poeta procurava expressar a dor e os conflitos do homem do cotidiano. E mostrava que a superação dessa dor pelas suas personagens era a superação do próprio homem diante dos seus embates.

A rigor, pode-se dizer que as concepções de homem e de sociedade trabalhadas por Sófocles contribuíram na estruturação da pólis pelo caráter didático que a tragédia, enquanto prática educativa, teve neste período para a formação da consciência do homem. Assim, Sófocles é considerado, não apenas um poeta trágico, mas um “verdadeiro educador”, pela importância conferida à sua poesia.

Ao mencionar o direcionamento formativo com que Sófocles conduz a narrativa heróica em suas peças, chega-se à compreensão de que o teatro era um dos principais instrumentos didático-pedagógicos da pólis. Isso porque a forma de educação estruturada e institucionalizada existente na Grécia do período clássico, baseada no exercício físico e nos textos homéricos, para formação do homem guerreiro, não respondia mais às necessidades da cidade.

Desta maneira, abriu-se caminho para que se buscassem outras formas de educação, encontrando na tragédia essa nova sustentação didática pra educar o homem, não mais voltada para o ideal do guerreiro gentílico, mas para o homem/cidadão da pólis.

E assim, os poetas trágicos, com o apoio dos setores dominantes da cidade-Estado democrática, acabaram por receber a função de educadores do povo, não só no processo de educar para um comportamento social e moral, como ocorrera com Homero e Hesíodo: “A concepção do poeta como educador do seu povo [...] foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável desta concepção...”.<sup>31</sup> Mas também, despertando no espectador uma consciência social da necessidade de manutenção da ordem, e apontando possíveis soluções para os problemas e conflitos enfrentados por este homem.

A apresentar o caráter didático da tragédia, mostra-se uma continuidade no papel de educador do poeta e a sua importante contribuição no processo de superação das contradições sociais: “Em que deve ser admirado um poeta? No fato de tornarmos

---

<sup>31</sup> JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Herder, 1979, p. 56.

melhores os homens nas cidades’. E a palavra “melhores” significa mais fortes, mais adaptados ao combate da vida...”,<sup>32</sup> principalmente no período clássico.

Foi nesta perspectiva que Sófocles buscou, com o seu papel de “educador do seu povo”, apresentar em sua obra uma proposta diferenciada para a educação e formação deste cidadão que deveria fazer parte da sociedade democrática da pólis.

A proposta do poeta tem uma característica diferenciadora, pois ele propôs um homem “ideal”: “[...] tais como deveriam ser”,<sup>33</sup> cheio de virtudes e de caráter elevado, que não era o “real” do cotidiano que vivia na cidade grega do seu tempo cheio de vícios e de defeitos de caráter – um “indivíduo” que buscava os interesses particulares em detrimento ao coletivo –, como é característico do homem apresentado por algumas das personagens nas peças do poeta Eurípides que mostra os homens: “[...] tais como são”.<sup>34</sup>

O herói sofocliano representa um homem de ações e virtudes características idealizadas que fazem dele “melhor” que o homem “real”, como é o caso da sua personagem Édipo descrito como sábio e honrado, que vive em sociedade buscando o bem comum.

Sófocles procura mostrar pelas ações e virtudes de Édipo que, para se atingir o estágio de cidadão idealizado, era necessário que se encontrassem possíveis soluções para os problemas causados pelas contradições sociais provocadas pelo processo de transição.

Na busca do herói por soluções para os problemas causados pelas contradições sociais o poeta utiliza o ideal grego de *sophrosyne*, de “justa-medida” como uma maneira para despertar no seu espectador uma consciência de como este poderia, ou pelos menos deveria tentar contribuir para a superação dos conflitos pelos quais a sociedade grega estava passando: “À *sophrosyne*, virtude do justo meio, corresponde à imagem de uma ordem política que impõe um equilíbrio a forças contrárias, que estabelecem um acordo entre elementos rivais...”.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> BONNARD, André. **A civilização grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 160.

<sup>33</sup> ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 226. (XXV, 1460b 34.) (Coleção: Os Pensadores)

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito e política**. Tradução de Cristina Murachco. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2002, p. 90.

O ideal de *sophrosyne*, ou conceito grego de “justa-medida”, tinha como princípios a moderação nas ações, o autocontrole no respeito às leis, no cumprimento das normas de conduta social, para que a sociedade funcionasse de maneira organizada e harmônica: “Destaca-se a prudência sobremodo/ como a primeira condição/ para a felicidade...”.<sup>36</sup>

Apoiada neste conceito, é que a obra de Sófocles apresentava uma proposta educativa que procurava mostrar pela ação das personagens da tragédia como deveria ser o homem que responderia às necessidades estabelecidas pelas mudanças na estrutura da sociedade. Um homem idealizado que serviria de modelo para os seus espectadores; que deveria buscar a sabedoria, a honradez, a obstinação – assim como fez Édipo – como princípios básicos para se tornar um cidadão, que se não “ideal”, pelo menos um cidadão que se preocupasse em ajudar a manter a organização da cidade.

Se objetivo da proposta educativa da obra de Sófocles era despertar no espectador uma reflexão sobre a necessidade de se alcançar às virtudes elevadas presentes nas suas personagens, tendo como base o ideal de *sophrosyne*, de “justa-medida”, sustentados pela moderação e pelo autocontrole nas ações, por outro lado, procurava mostrar também ao mesmo espectador o que poderia vir acontecer a ele caso viesse proceder de maneira adversa a esse ideal de moderação e autocontrole; quais seriam as penalidades que sofreria por não agir de acordo com as normas sociais:

#### CORO

O orgulho é o alimento do tirano;  
quando ele faz exagerada messe  
de abusos e temeridades fátuas  
inevitavelmente precipita-se  
dos píncaros no abismo mais profundo  
de males de onde nunca sairá.<sup>37</sup>

Além disso, a aplicação do ideal de *sophrosyne* possibilitaria ao homem tentar buscar a superação dos conflitos sociais pelos quais estava passando a pólis democrática. O equilíbrio nas ações e a sensatez nas atitudes evitariam ao cidadão de incorrer em erros que causaria o próprio mal e a desordem no todo social do qual esse

---

<sup>36</sup> SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 251. vv. 1485-1487.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 63. vv. 1040-1046.



fazia parte: “Creio, senhor, que ele falou sensatamente,/ como quem faz esforços para não errar;/ quem julga afoitamente não é infalível”.<sup>38</sup>

No entanto, como mencionado, a proposta educadora de Sófocles para formação do homem grego foi mais idealizadora do que concreta, e acabou por não se concluir numa sociedade que estava passando por muitas mudanças e conflitos, tanto de ordem interna como externa.

Sófocles apresenta isso ao descrever a efemeridade dos “frágeis mortais”, representados integralmente pela sua personagem “ideal” – o rei Édipo –, diante dos embates pessoais pelos quais ele passa ao tentar resolver as contradições sociais da sua comunidade:

#### CORO

Vossa existência, frágeis mortais  
é aos meus olhos menos que nada.  
Felicidade só conheceis  
imaginada; vossa ilusão  
logo é seguida pela desdita.  
Com teu destino por paradigma,  
desventurado, mísero Édipo,  
julgo impossível que nesta vida  
qualquer dos homens seja feliz.<sup>39</sup>

Da mesma forma que suas personagens, Sófocles vivenciou os conflitos da pólis. Assim como o poeta presenciou o “milagre grego” da ascensão cultural, da hegemonia militar, da expansão econômica e da articulação política da democracia, este também presenciou a derrocada e desarticulação dessa sociedade.

Sófocles morreu no ano de 406 a.C. E neste momento histórico a sociedade grega passava por um estágio de decadência e desarticulação provocadas pelas desigualdades sociais, pelos conflitos internos e pelas guerras com seus inimigos externos.

Foi justamente no fim do século V a.C. que a cidade de Atenas perdera toda a grandiosidade que conquistara no período clássico. A pólis ateniense fora assolada pela peste, pela pobreza e pelos conflitos políticos, e acabou sendo vencida na guerra contra o inimigo persa que tomou a cidade, decretando assim o fim da hegemonia da “cidade grega por excelência”.

<sup>38</sup> SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990, p. 49. vv. 720-722.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 83. vv. 1393-1401.

Desta maneira, o que se conclui é que as peças de Sófocles não deixaram de expressar as contradições vividas pelo cidadão grego numa sociedade em constante conflito, e não perderam a característica educadora e a importância formativa que a tragédia tivera na vida de homem no período clássico.

Exemplo disso é a personagem de rei Édipo que foi representado durante toda sua trajetória trágica como um modelo de homem virtuoso, um “cidadão ideal” que deveria viver na pólis democrática, buscando sempre o bem comum de uma “sociedade ideal”, que teoricamente viria formar, mesmo diante das limitações humanas e das contradições sociais enfrentadas neste contexto de transformação.

